

O número 1 do volume 67 da Revista Brasileira de Geografia traz dois artigos de submissão contínua, treze trabalhos que compõem a segunda leva daqueles selecionados entre os de maior destaque submetidos ao II Simpósio Internacional Pan Americano de Toponímia, e três entrevistas com técnicos da casa sobre a operação do Censo 2022, realizadas como parte das comemorações dos duzentos anos da Independência do Brasil, data em que o IBGE também comemora a realização do maior Censo Demográfico já realizado no país.

O primeiro artigo dessa edição discute as diferentes representações cartográficas do semiárido brasileiro ao longo do tempo e segundo diferentes instituições e pesquisadores que as produziram. Os autores fizeram extenso levantamento e apresentam interessante painel acerca dos diferentes aspectos da paisagem que são elencados para definir os contornos territoriais do semiárido brasileiro. Trata-se do manuscrito “Estado da arte da cartografia de paisagens para o semiárido brasileiro”, de Riclaudio Silva Santos, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPe, Lucas Costa de Souza Cavalcanti e Antonio Carlos de Barros Corrêa, ambos professores do departamento de Ciências Geográficas da mesma universidade. O segundo artigo de submissão contínua – “A urbanização terciária em Quixadá – CE”, de Samuel Antonio Miranda de Sousa, da Universidade Estadual do Ceará, discute o tipo de urbanização que aconteceu naquele município onde, de maneira diferenciada em relação aos processos tradicionais, não prevaleceu o setor secundário – a industrialização –, na atração de população do meio rural para o urbano.

Quanto às entrevistas sobre o Censo 2022, conversamos com Marta Antunes e Fernando Damasco, responsáveis pelo Grupo de Trabalho sobre Povos e Comunidades Tradicionais. Marta Antunes é cientista social, doutora em Antropologia Social pela UFRJ, lotada na Coordenação Técnica do Censo Demográfico da Diretoria de Pesquisas do IBGE, sendo responsável pelos Projetos Técnicos de Povos e Comunidades Tradicionais (CTD/DPE/IBGE). Fernando Damasco é geógrafo, mestre em Geografia pela UFF, onde atualmente cursa o doutorado na mesma área. No IBGE, é o gerente de Territórios Tradicionais e Áreas Protegidas da Coordenação de Estruturas Territoriais (CETE), da Diretoria de Geociências. Nessa entrevista, eles discorreram sobre todo o processo de construção institucional da pesquisa sobre Povos e Comunidades Tradicionais. Desde as discussões e trocas com pesquisadores e instituições representantes dos interesses dos grupos envolvidos – Povos Indígenas e Comunidades Quilombolas –, passando pelos debates internos para a construção dos recortes territoriais que tornariam possível a pesquisa e sua divulgação, até o processo de construção das perguntas que compuseram o questionário, além do treinamento dos agentes que vão fazer a abordagem dessas populações na operação do Censo. Como a entrevista evidenciou, levantar dados sobre Povos e Comunidades Tradicionais mostrou-se um desafio importante, pelas reflexões e inovações que impôs à própria instituição, uma vez que o recorte territorial dos setores censitários não permitiria captar a dinâmica da existência dessas populações. A adoção das Áreas de Interesse

Operacional (AIO), representa grande inovação no trabalho institucional do IBGE. Além disso, devemos considerar a necessidade e urgência desses dados para a construção de políticas públicas que contemplem estes segmentos da sociedade brasileira e lhes garanta o exercício pleno da cidadania, respeitando suas especificidades.

Na segunda entrevista conversamos com o gerente técnico do Censo 2022, Luciano Tavares Duarte. Ele é formado em Estatística e mestre em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais pela Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE – a ENCE. Nosso tema central foi a construção do questionário do Censo. Luciano discorreu sobre as etapas desse processo que incluem a revisão crítica de questionários anteriores, o debate com especialistas nos vários temas constantes do questionário, a consulta pública aberta e a realização de testes em mais de uma rodada, antes de bater o martelo numa versão final. O técnico também abordou a crescente participação de segmentos sociais e suas representações no processo de discussão e construção do questionário, como observamos recentemente, tanto em relação à questão do diagnóstico de autismo quanto em relação às questões de gênero e orientação sexual. Por fim, temos a entrevista com Cimar Azeredo, Diretor de Pesquisas do IBGE e Presidente da Comissão de Planejamento e Organização do Censo 2022. Cimar destacou a grande importância da maior integração entre as áreas de Estatística e Geografia do IBGE nesse Censo. Para além da maior integração dessas áreas na instituição, o técnico destacou a importância do avanço tecnológico, que permitiu um acompanhamento *pari passu* de todas as etapas da operação. A maior interação com os usuários também foi objeto de análise por parte do técnico, que destacou a expectativa de inovação na divulgação dos resultados do Censo, a partir da experiência do Painel da PNAD contínua, onde a variedade de recortes territoriais tem promovido fluxos de interação mais dinâmica, tanto de usuários básicos quanto de avançados. Ele também abordou a realização do Censo 2022 ao mesmo tempo em que a instituição faz o levantamento da PNAD contínua, o que tenciona de forma inédita toda a estrutura de pesquisa da casa. Por fim, Cimar abordou a questão do protagonismo do IBGE, frente a outras instituições congêneres, na América Latina e no resto do mundo, na adoção de iniciativas inovadoras na operação do Censo e na divulgação de seus resultados. Ele falou sobre a importância de divulgarmos esse protagonismo, na perspectiva de incentivarmos outros países e instituições a adotarem esses mecanismos de acompanhamento das operações de pesquisa populacional e na divulgação de resultados.

As entrevistas sobre o Censo terão continuidade nas edições de 2023, com o acompanhamento dos resultados.

Conselho Editorial da RBG